

A língua falada na TV Texto falado ou escrito?

(The language spoken on TV: oral or written text?)

Denise Lino de ARAÚJO
Universidade Federal da Paraíba

ABSTRACT: Linguistic studies focusing on the relation between written and spoken language have grown significantly in Brazil, but they have not included language used on TV programs as a study object yet. Considering this fact, we have decided to develop studies on the characteristics of the language used on TV, specifically on TV news. This paper describes the main characteristics found on TV news language and has the objective to discuss its insertion on the continuum between spoken and written language. The conclusions we have arrived at point to the need of a profound study which takes into account on one side, the linguistic studies which focus on the relation between written and spoken language and, on the other side, the research done on the function of secondary orality in a literate society.

RESUMO: Os estudos lingüísticos sobre a relação fala/escrita no Brasil progrediram significativamente, mas ainda não incorporaram a linguagem da TV como objeto de estudo. Atentos a essa realidade, estamos desenvolvendo

A LÍNGUA FALADA NA TV

do pesquisas sobre as características da linguagem da TV, especificamente a linguagem do telejornalismo. Neste trabalho, descrevemos as principais características dos textos dos telejornais com o objetivo de discutir a sua inserção no continuum entre a fala e a escrita. As conclusões a que chegamos apontam a necessidade de um estudo mais aprofundado que conjugue, de um lado, os estudos lingüísticos que vêm descrevendo a inter-relação fala/escrita e, de outro, os estudos sobre o papel da oralidade secundária na sociedade letrada

KEYWORDS: *Written and spoken language – secondary orality – TV news*

PALAVRAS-CHAVE: *Língua oral/língua escrita, oralidade secundária, telejornalismo.*

INTRODUÇÃO

A linguagem do jornalismo impresso de alguma forma tem sido sistematicamente estudada no âmbito dos estudos lingüísticos, graças à tradição de trabalho com textos escritos. Todavia, outras formas de apresentação dessa linguagem, como o tele e o radiojornalismo, ainda não têm sido regularmente estudadas.

O atual desenvolvimento dos estudos sobre a língua falada permite que eles sejam apontados, genericamente, dois grandes grupos. De um lado, os mais teóricos, aqueles que procuram descrever a organização textual dos diversos tipos de textos falados (cf. Castilho, 1990, Castilho, 1993, Basílio, 1996, Koch, 1996), de outro, aqueles que procuram analisar as influências da oralidade sobre a escrita; em

geral, esses são trabalhos aplicados e voltados para as questões sobre o ensino (cf. Milanez, 1993, Benveniste, 1994, Moura, 1999).

A rigor, a linguagem do telejornal não se enquadra diretamente numa dessas tendências porque se trata de uma linguagem falada, mas marcadamente orientada pelos padrões da língua escrita. Em outras palavras, pode-se afirmar que este é um objeto de estudo que ainda está se construindo no âmbito da lingüística e sobre o qual há poucas pesquisas em andamento (cf. Preti, 1999).

Tendo esse quadro como referência e tomando como fundamentação os estudos lingüísticos sobre as características e o funcionamento da da língua falada e da língua escrita e suas inter-relações, nas várias situações em que se apresentam, estamos elaborando um estudo mais amplo sobre as características da línguas falada na TV, especialmente nos telejornais. Este trabalho apresenta parte dos resultados desses estudos e tem o objetivo de, a partir da análise das escolhas lexicais nos textos de telejornais, discutir a sua inserção no continuum entre fala e escrita.

ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA FALADA E A LÍNGUA ESCRITA: DA NOÇÃO DE CONTRASTE À DE CONTINUUM

O reconhecimento da fala como uma modalidade da língua independente da escrita representou um avanço para os estudos lingüísticos. A partir de então, desenvolveram-se os estudos contrastivos (cf. Koch, 1993) sobre essas duas modalidades, que, à época, muito contribuíram para se entendesse o seu funcionamento, as suas formas de organização.

A LÍNGUA FALADA NA TV

Entretanto, essa abordagem contrastiva tem suscitado muitas críticas. A principal delas destaca que tal abordagem se baseia em circunstâncias enunciativas absolutamente diversas. As diferenças apresentadas são superficiais e só poderiam caracterizar uma fala completamente informal e uma escrita completamente formal.

O aprofundamento dessas críticas demonstrou, posteriormente, que entre esses dois pólos – a fala e a escrita – há um *continuum*, ao longo do qual se situam diversos tipos de práticas sociais que fazem os usos dessas duas modalidades desdobrarem-se ao infinito, gerando os mais diversos formatos textuais. As pesquisas têm demonstrado que a oposição entre as duas modalidades é muito mais funcional e contextual do que estrutural. Isto equivale a dizer que a língua falada e a língua escrita não se opõem ou se diferenciam intrinsecamente. As semelhanças e/ou diferenças que se pode lhes imputar decorrem muito mais das situações formais ou não em que essas modalidades são usadas, de quem as usa, para quem se dirige e com que propósitos.

Assim, o principal avanço é reconhecer que está longe de haver um único tipo de fala e um único tipo de escrita. Ademais, as modalidades não são mutuamente excludentes, há, na verdade, um grande acordo de justaposição entre ambas. Alguns tipos de fala podem ser escritos e alguns tipos de escrita podem ser falados.

Esse tipo de raciocínio associado a uma acurada observação de dados empíricos levou a formulação da noção de um *continuum* entre fala e escrita. Inicialmente, tal noção foi proposta por D. Tannen (1982) e hoje tem sido largamente adotada por pesquisadores das diversas correntes lingüísticas. Entender que as modalidades da língua diferenciam-se ao longo de um *continuum* significa en-

tender que as circunstâncias de enunciação constituem-se no fator de diferenciação ou de aproximação entre elas. Tais circunstâncias são determinadas pela dependência contextual, ou seja, pela necessidade ou não de explicitação textual, pelo grau mais ou menos acentuado de formalidade e pela submissão consciente às regras prescritivas convencionalizadas para a escrita.

Quanto às aproximações possíveis entre fala e escrita, vale a pena destacar a pesquisa desenvolvida por Chafe e Danielewicz (1985), à luz dessa noção de *continuum*, envolvendo sujeitos com alto nível de letramento e em quatro atividades que lhes eram familiares: conversas informais, redação de cartas para amigos, conferências e redação de artigos científicos para publicação.

A partir dos dados produzidos nas duas situações de fala e nas duas situações de escrita focalizadas na pesquisa, foi possível apresentar algumas características das situações analisadas. Uma delas é o fato de que nas conversas informais os sujeitos eram levados a empregar um vocabulário relativamente limitado e eram inclinados a restringir as suas escolhas lexicais. Outra é o fato de que se utilizavam de unidades entonacionais relativamente breves e, normalmente, encadeadas pelo articulador aditivo *e*. Normalmente, a sentença final era justificada apenas em termos da coerência local do texto. A conferência partilha de algumas dessas características. Contudo, apresenta-se mais próxima da escrita acadêmica, pelo uso de um vocabulário específico, de unidades sintáticas complexas e abundante número de estruturas subordinadas. Com relação ao envolvimento com a audiência, a conferência situa-se a meio caminho entre a ausência de um envolvimento com a realidade mais imediata, característica da escrita, e a espontaneidade dos colóquios.

A LÍNGUA FALADA NA TV

Com relação às situações de escrita, a pesquisa demonstrou que a produção de cartas aproxima-se muito mais da conversa entre amigos do que da escrita acadêmica, muito embora o vocabulário empregado na carta seja mais variado do que o da conversa e fique num nível intermediário em relação à escrita acadêmica. Há também uma série de “não-ditos” que ficam por conta do nível de interação e de envolvimento com a audiência. Com relação à sintaxe, as marcas são mais próximas do padrão, isto também porque os sujeitos da pesquisa eram falantes do inglês padrão. De modo geral, a carta mantém-se a meio do caminho entre a casualidade da fala e reflexão da escrita.

Já a escrita acadêmica representa talvez o extremo do que a escrita permite. Os sujeitos utilizaram, neste caso, um vocabulário variado e preciso, evitaram igualmente as gírias e imprecisões. As frases longas e a falta de envolvimento com a realidade mais imediata também se apresentaram como características desse tipo de escrita.

Em suma, as conclusões dessa pesquisa apontaram que a língua escrita em situações formais tende a ter um vocabulário mais variado do que a língua oral em situações informais. Além disso, demonstraram que a divisão entre língua oral e língua escrita não é rígida, pois envolve aspectos estilísticos que são facilmente transferíveis de uma para outra modalidade. Finalmente, as conclusões destacaram um aspecto que, de fato, parece ser inerente à oralidade, em qualquer dos formatos textuais: o envolvimento. Em outras palavras, os autores afirmam que nas interações orais, o falante tende a manter um grande envolvimento com a audiência e também com a realidade que o cerca, já nas interações escritas, o “escrevente” mantém um grande envolvimento com o texto que está sendo produzido.

Associando-se essas conclusões às noções de distanciamento/envolvimento e de integração/fragmentação propostas por Biber (apud Dias 1999:55) como parâmetros de análise para os eventos de fala e de escrita, tem-se um quadro minimamente estruturado para a análise da linguagem telejornalística. Parte-se da premissa que o telejornal não deve ser visto em oposição a qualquer outro tipo de jornal. *A priori*, esse tipo de texto compartilha as características do distanciamento e da integração, visto que, elaborado inicialmente como um texto escrito guarda as marcas do planejamento, da edição e da preocupação com a progressão textual, ou seja, guarda a preocupação com a interação à distância – situação na qual o texto deve prover todos os recursos que favoreçam a compreensão por parte do leitor. Não obstante, o texto telejornalístico compartilha também das características de envolvimento e fragmentação – típicas de textos orais – porque, mesmo sendo produzido para interlocutores distantes e anônimos, persegue o objetivo de fazer-se passar por familiar e, nesse caso, vai explorar sistematicamente os recursos que favoreçam alcançar este fim.

De acordo com Dias (1996), o fator envolvimento, nos textos do jornal impresso Notícias Populares, manifesta-se por meio da ocorrência de alguns fenômenos, tais como a presença do discurso direto, uso de pormenores, emprego de expressões que visam ao monitoramento do canal de comunicação pelo falante, presença de marcas de primeira pessoa, ênfase maior sobre agentes e ações do que sobre estados e objetos, ênfase sobre pessoas e seus relacionamentos, concretismo e conotação. Desses fatores, pode-se afirmar que alguns também estão presentes nas notícias do Jornal Nacional (doravante JN), são eles o discurso direto, a ênfase maior sobre agentes e ações do que

A LÍNGUA FALADA NA TV

sobre estados e objetos, ênfase sobre pessoas e seus relacionamentos.

Essa autora, entretanto, não inclui nesse rol a seleção lexical. Este recurso é sem dúvida importante na definição do fator envolvimento nas telenotícias, visto que permite ao produtor de textos (não só nas notícias) marcar tanto o distanciamento, mesmo que se utilize de uma sintaxe própria das situações informais, quanto marcar o envolvimento, ainda que use uma sintaxe típica da escrita padrão.

A seleção lexical não expressa apenas a argumentatividade, também a emotividade ou caráter poético de um texto, por exemplo, são, em grande medida, determinados por esse recurso. É através dele que se podem depreender as marcas da intencionalidade do autor e da sua preocupação com o processo de compreensão por parte do leitor, quando procura monitorá-lo através de pistas lingüísticas, dispostas na superfície do texto.

Portanto, analisar as escolhas lexicais como um recurso que favorece a manifestação do fator envolvimento nas telenotícias é o que se procura demonstrar na sessão a seguir.

AS ESCOLHAS LEXICAIS E O FATOR ENVOLVIMENTO

Os dados aqui focalizados fazem parte de um *corpus* mais abrangente coletado no período de Outubro de 1997 a março de 1998 e foram gravados em VHS durante a sua exibição no JN. Veiculado seis vezes por semana, para quase todo o território brasileiro pela Rede Globo de Televisão, o JN tem de 35 a 40 minutos de duração. Foi escolhido como foco de análise porque é tido como uma refe-

rência na área do telejornalismo brasileiro por ter sido um dos pioneiros desse gênero de programa televisivo. Está no ar há quase 35 anos. Além disso, no momento da coleta, a emissora dava mostras de que começava a experimentar um novo formato na emissão das telenotícias, tanto pela maior liberdade dos jornalistas na composição dos textos quanto pela maior interação dos apresentadores com o público. Estes abandonavam a mera leitura dos textos para apresentá-los com mais “dramaticidade”, utilizando-se, sobretudo, de vocábulos mais expressivos. O corpus restrito selecionado para esta análise compõe-se de três edições do JN ou 72 notícias.

De acordo com Bahia (1990), não é difícil reconhecer que o texto no telejornal é diferente do texto na imprensa e no rádio em função da estrutura do movimento, da instantaneidade, da testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade, próprios da TV. Ora, também não se faz esforço para reconhecer que o texto do telejornal mais parece um texto escrito para ser lido do que um texto falado produzido para um interlocutor distante.

Assim, este trabalho partiu da premissa de que as características da escrita são inerentes ao texto da telenotícia, cumpria, pois, identificar características da oralidade difusas entre as primeiras. Para isso, estabeleceu-se como procedimento de análise a descrição das escolhas lexicais e a sua influência para a manifestação na organização discursiva das telenotícias do fator envolvimento.

A análise de dados revela que, ao nível lexical, como era de se esperar, não se observam o uso de gírias, diminutivos, aumentativos ou jargões muito especializados, próprios de situações de enunciação mais informais. Sendo um programa de informação e exibindo-se no cha-

A LÍNGUA FALADA NA TV

mado horário nobre da televisão para um público abrangente, o JN parece ter se imposto como característica ser o mais referencial possível, i.e, nem usar um vocabulário vulgar e/ou apelativo tampouco um vocabulário técnico, de modo a ser entendido pelos telespectadores de escolaridade média.

Nesse nível de análise chama a atenção a seleção lexical, pois é a dimensão do texto em que conseguimos perceber uma relação tensa entre oralidade e escrita. Uma das formas em que a seleção se manifesta é através do sentido figurado atribuído a algumas palavras. Entre elas destacam-se **campeão, inimigos, guerra e brigar**, que aparecem recorrentemente, em especial, nas notícias relativas aos direitos do consumidor, conforme se pode verificar a seguir:

Ex. 1

A) *Apresentador*: Os **inimigos** do consumidor. O instituto nacional de metrologia aponta os produtos com maior número de fraudes no peso. O campeão é o botijão de gás.

B) *Jornalista*: A dona de casa bate o olho e pega a latinha de azeite, o volume está na embalagem. Será? ... Mas o **campeão** da fraude é o gás de cozinha 34% dos botijões medidos pelo INMETRO têm menos gás do que deveriam ter.

C) *Jornalista*: "... Enquanto as companhias **brigam** o consumidor comemora. (...) Toda **guerra** entre as companhias aéreas, o consumidor sai ganhando"

D) *Jornalista*: "Jamime junta *força e astúcia na guerra contra as embalagens*"

E) *Jornalista*: "O plano de Dona Francisca é o **campeão** de reclamações".

É possível que, assistindo ao JN como mero telespectador, o uso dessas palavras nem chame atenção, aliás, são palavras de uso corrente na língua cujo sentido é conhecido, todavia apresentam aqui um novo matiz de sentido. **Campeão**, por exemplo, não é o que ocupa o primeiro lugar por ter vencido com mérito os demais concorrentes. A palavra, no exemplo focalizado, perde esse ‘matiz positivo’ para ganhar uma conotação negativa e, nesse caso, **campeão** é também aquele que acumula maior número de irregularidades. Com o vocábulo **guerra** ocorre um processo semelhante. Nesses exemplos a palavra ganha a conotação de disputa, no exemplo 1.C, adquire um matiz positivo no campo semântico do livre comércio o que significa dizer que o consumidor sai ganhando. No exemplo 1.D, a idéia parece ser a de duelo, que, para a situação descrita, não deixa de ser uma hipérbole.

Diante desses exemplos, pergunta-se: qual a motivação para o uso dessas escolhas lexicais e não de outras? Responder a essa pergunta afirmando que elas são intencionais ou que foram escolhidas porque os textos dos telejornais são muito bem elaborados é, particularmente, uma visão empobrecedora das possibilidades da língua, ao mesmo tempo uma transferência de fatos que podem ter outra origem para o âmbito do estilo do autor

Do ponto de vista semântico, convém perguntar se esses usos constituem-se realmente num sentido figurado ou se são usos da língua possíveis porque esses textos situam-se num ponto especial do continuum entre língua falada e língua escrita. As telenotícias, em geral, tendem a usar recursos lingüísticos que dêem a impressão da informalidade, a impressão de que o jornalista descreve assuntos novos para pessoas conhecidas e em situação de intimida-

A LÍNGUA FALADA NA TV

de. Disso decorre, o uso da hipérbole, como em 1.D, e a construção de novos matizes semânticos.

Ao lado das características do discurso direto apresentadas por A. Dias (1996:54) e anteriormente já citadas, outras características, típicas da escrita jornalística, também são notadas e são igualmente inerentes ao telejornal aqui focalizado, tais como: a sintaxe do português padrão, o planejamento e a progressão textual. Todavia, dentre essas marcas distintivas, as escolhas lexicais são muito importantes pois parecem ser as que fazem-no transitar, no âmbito do continuum entre a fala e a escrita, do pólo dos textos mais distantes do interlocutor para aqueles que se preocupam com os recursos do envolvimento. A seleção lexical nesses exemplos demonstra isto: a preocupação com o telespectador, como se fosse necessário não só falar sobre os problemas que o afligem, como as propagandas enganosas das embalagens (1.A,B, D), o aumento das passagens aéreas e dos planos de saúde (1.C, E), mas falar com a sua linguagem, que, certamente, não se utilizaria de eufemismos para se referir aos aumentos de preços e aos produtos que não apresentam todas as características anunciadas nos comerciais.

Dando prosseguimento à apresentação da categorização dos dados, identifica-se na análise piloto uma série de expressões inicialmente típicas da oralidade, ao que parece propositadamente usadas para ajudar a compor a cena enunciada pelo jornalista. A diferença entre essas e ‘sentido figurado’ parece residir no fato de que essas expressões têm um sentido já estabelecido e que não é ‘alterado’. Na análise realizada, até o presente momento, tudo leva a crer que o jornalista pinça essas expressões do conjunto de recursos da língua, já ciente da sua origem – situações informais de enunciação - e as utiliza com consci-

ência de que o uso de outras opções demandaria mais explicações, o que nem sempre é possível no telejornal. Dentre o grupo das expressões que integram a segunda parte dessa análise, o primeiro deles é formado por *expressões idiomáticas*, conforme se exemplifica a seguir:

Ex. 2

Jornalista: “Itamar saiu da convenção sem a candidatura à presidência e com **choro de perdedor**.”

Jornalista: “Fernando Henrique **nem deu ouvidos** a provocação.”

Jornalista: “...Mesmo assim, os fabricantes já estão **ouvindo poucas e boas**.”

Jornalista: “Não adianta mais procurar o responsável pela violência ou o culpado pelo **beco sem saída** em que estão árabes e israelenses”

Essas expressões são portadoras de um sentido previamente estabelecido pelo uso da língua e adaptam-se com facilidade a vários tipos de texto. Nos exemplos focalizados, são capazes de emprestar-lhe um certo matiz semântico difícil de ser conseguido através de outros recursos. No exemplo 2.A a expressão significa reclamar, resmungar, denunciar; no exemplo 2.B a expressão destacada significa desconsiderar; em 2.C significa ouvir reclamações veementes, e, por fim, em 2.D significa estar numa situação limite. O uso dessas expressões expõe mais uma vez determinados níveis de formulação de sentido. Resta saber se são comuns tanto às situações formais como às informais ou se são próprias de textos construídos nas situações de inter-face das modalidades da língua. Sabe-se que ao empregá-las, o jornalista não só evita o uso de longas frases para explicar os fatos, como também evita apresentar pormenores e passa a contar que o telespectador

A LÍNGUA FALADA NA TV

elaborará algumas inferências para preencher prováveis lacunas de informação.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o uso dessas expressões caracteriza a tentativa de envolver os interlocutores e chamar a sua atenção para os fatos apresentados. Por outro lado, o uso dessas expressões parece ater-se também a um dos princípios de formulação da telenotícia qual seja o de recorrer a metáforas, exemplos, comparações para expor problemas, sobretudo se eles são abstratos, visto que este recurso favorece ao mesmo tempo a compreensão e a memorização (cf. Jaspers, 1998:102).

O segundo grupo é composto pelas expressões que denominei de generalizadoras, porque são próprias de situações de enunciação, quase sempre informais, nas quais os procedimentos de análise, de comparação, de estabelecimento de relações de causa e efeito, são desconsiderados. Vejam-se os exemplos:

Ex.3

A) *Apresentador*: “**Não tem jeito!** As reclamações não param. Os planos de saúde lideram as queixas na procuradoria do consumidor”.

B) *Jornalista*: “**Não tem outro jeito.** O consumidor tem que exigir pãozinho na balança para não ser enganado.”

C) *Jornalista*: “**É no mundo todo.** Os homens vivem 5 a 7 anos menos que as mulheres”.

Essas expressões aparecem com alguma recorrência ao longo de todo o corpus. Têm praticamente uma posição sintática e discursiva marcada: aparecem sempre no início de períodos e estes são, quase sempre, os da abertura do texto. Verifica-se que essas expressões se encarregam de dar ao texto um forte teor persuasivo, no sentido de que

tentam estabelecer uma situação-limite, irrecuperável; este é, por exemplo, o caso de 3.A cujo texto focaliza as reclamações contra os planos de saúde. Ao usar esta expressão no texto de introdução à notícia lido pelo apresentador, busca-se, certamente, a adesão do telespectador, como se lhe dissesse “Os planos de saúde são incorrigíveis. Mais uma vez vamos denunciar aqui aqueles que estão repassando aumentos abusivos para os consumidores”. Em 3.B usa-se uma expressão correlata para enfatizar que o consumidor deve se prevenir, não confiar no peso afixado nas embalagens e procurar sempre conferi-lo. Já em 3.C a expressão serve para criar uma espécie de regra sem exceção: no mundo inteiro os homens vivem menos que as mulheres. Nestes três exemplos, a escolha dessas expressões anulou a possibilidade de se construir o texto mais analiticamente.

Esses exemplos demonstram que na tentativa de se conseguir um nível mais profundo de envolvimento com o telespectador vale, inclusive, infringir uma das regras da chamada “cartilha do telejornalismo”. De acordo com Jaspers (1998:102), o jornalista, no esforço de conseguir a adesão do telespectador, deve “partir do particular para o geral, passar do fato à regra, do exemplo à teoria e não o contrário (...) Citar-se-ão assim em primeiro lugar os fatos concretos, os elementos tangíveis antes de tirar observações gerais e leis.” Como se vê, essas recomendações não foram seguidas. No exemplo 3.C, em particular, se essa regra fosse seguida, o jornalista talvez não tivesse conseguido o efeito que pretendia: chamar a atenção para o fato de que o câncer de próstata é uma doença que mais leva a óbito em todo o mundo, inclusive no Brasil.

O terceiro e último grupo – o das expressões de origem gíria – é também o de menor recorrência. Sua princ

A LÍNGUA FALADA NA TV

pal característica é ser composto pelas expressões e/ou palavras cuja origem é o vocabulário gírio, mas que estão incorporadas ao uso corrente da língua. Trata-se de exemplos como:

Ex. 4

A) *Jornalista*: “A dona de casa **bate o olho** e pega a latinha de azeite.”

B) *Jornalista*: “O partido produziu cenas de baile funk, com socos e **brigas de galeras**.”

Nessas duas ilustrações fica evidente que a expressão **bate o olho**, para se referir ao processo de identificação de um determinado produto, assim como a expressão **briga de galeras**, para se referir às disputas armadas entre partidários durante uma convenção, se revelam como boas opções lingüísticas para construir o processo de envolvimento com o interlocutor. Na primeira, a expressão é usada exatamente para demonstrar que o mero reconhecimento de um produto sem a checagem das informações que aparecem nas embalagens e a conferência do peso não se revela a melhor opção para o consumidor. Em outras palavras, tenta-se dizer: se se escolhem os produtos sem maiores critérios, corre-se o sério risco de ser enganado. É claro que a opção do jornalista e a aqui apresentada se equivalem, porém, a do exemplo presta-se melhor ao objetivo de diminuir a distância entre o produtor e interlocutor. Na segunda, a expressão é usada para descrever a falta de coesão interna de um partido após a convenção. Ao afirmar isto utilizando-se da expressão ‘brigas de galeras,’ tem-se duplo objetivo: tanto o de ironizar o partido quanto o de informar o caos em que ele se encontra.

Em suma, os procedimentos de atribuir ‘sentido figurado’ a algumas palavras, utilizar expressões idiomáti-

DENISE LINO DE ARAÚJO

cas, generalizadoras e as de origem gíria parecem revelar uma característica da mídia eletrônica: informatividade associada a ‘jogos de palavras’. Por outro lado, parece revelar um intrincado fenômeno da língua aqui se apresenta: a construção de sentidos figurados e os usos de expressões para reforçar determinados direcionamentos argumentativos. Desvendar esse fenômeno, na linguagem em que ele se apresenta, implica não só estabelecer uma análise que leve em consideração a inter-face entre oralidade e escrita, os limites sobre as possibilidades da língua e a consciência do usuário para rompê-los, mas também discutir as conseqüências disso para o processo de letramento via TV no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que no JN aparecem algumas escolhas lexicais que fogem à regra do uso da linguagem referencial. Essas escolhas são basicamente de dois tipos: o emprego de algumas palavras no sentido figurado ou o uso de expressões típicas da oralidade. Demonstrou-se também que são essas escolhas que tornam o texto menos denso e, portanto, mais voltado para uma interlocução direta com o telespectador. Este fato foi identificado como uma preocupação com o fator envolvimento, que no telejornal pode significar muito mais do que meramente atrair a atenção do telespectador, pode significar também, algumas vezes, formar a opinião.

Finalmente, cabe responder a pergunta apresentada no título deste trabalho que configura-se, na verdade, como o seu maior objetivo. Pode-se, com base na análise, respondê-la, afirmando que a língua falada na TV, em

A LÍNGUA FALADA NA TV

especial no JN (que é o protótipo do telejornal preso aos usos referenciais da língua e, por isso, mesmo marcado pelas regras estritas do uso da língua escrita padrão) situa-se num ponto especial do *continuum* entre a fala e a escrita, pois algumas características da oralidade são identificadas recorrentemente coexistindo com as da escrita. Os textos que manifestam a língua usada na TV guardam as características da integração e do distanciamento, próprias do texto escrito, sem que sejam vizinhos da escrita acadêmica. Estão mais para ficção em prosa moderna. Ao mesmo tempo, esses textos partilham de algumas características dos textos orais, mais notadamente o envolvimento do que a fragmentação. Assim, estariam, do ponto de vista da oralidade, mais próximos da exposição oral do que da conversação.

Isto posto, pode-se concluir que, se se tivesse de demonstrar graficamente o *continuum*, a língua falada na TV, na forma de manifestação dos textos do telejornal, certamente ocuparia um lugar mais ao centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. Volume II: As técnicas do jornalismo. 4^a ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Língua falada e ensino. Trad. Giselle Machlline de Oliveira e Silva In.: Anais do Encontro Nacional sobre língua falada e ensino. Maceió: Edufal, p. 11-26, 1994..
- CASTILHO, Ataliba . *Gramática do Português Falado*. Volume I: A ordem. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

_____ e BASÍLIO, M. *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

_____ *Gramática do Português Falado*. Volume III: As abordagens. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

_____. *Interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

CHAFE, W. Linguistics differences produced by differences between speaking and writing. In.: D. Olson, N. Torrance & A. Hildyard (eds.) *Literacy, language and learning: The nature and consequences of reading and written*. Cambridge, Cambridge University Press, p 105 - 123. 1985

DIAS, Ana Rosa F. O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: Cortez, 1996.

JESPERS, Jean-Jacques. *Jornalismo televisivo*. Trad. Rita Amaral. Coimbra: Minerva, 1998.

KOCH, Ingedore. G. *Gramática do Português Falado*. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

MILANEZ, Wânia. *Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português*. Campinas: Sama editora, 1993.

MOURA, Denilda. Língua falada e ensino In.: _____ (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, p. 49-55, 1999..

PRETI, Dino. Pesquisas na linguagem geral da mídia. In.: MOURA, Denilda (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, p. 49-55, 1999..

TANNEN, Debora. The oral/ literate continuum in discourse. In. _____ *Oral and literates strategies in spo-*

A LÍNGUA FALADA NA TV

ken and written narratives. Oxford, Basil Blackwell, p. 1-16, 1982.

Recebido: setembro de 2001

Aceito: janeiro de 2002

Endereço para correspondência:

Denise Lino de Araújo

Rua Cel Honorato da Costa Agra, 428

Católé

58105-148 - Campina Grande, PB